

# **Falta Brasil no Miss Brasil? A construção de gênero e de padrões** <sup>1</sup>

*Miss Brasil en Miss Brasil? La construcción de género y estándares.*

*Miss Brazil in Miss Brazil? The construction of gender and standards*

**Ms. Muryllo Rhafael Lorensoni** <sup>2</sup>

**Dr. José Serafim Bertoloto**<sup>3</sup>

**Ms. Silvia Mara Davies**<sup>4</sup>

## **Resumo**

A intenção deste artigo é apresentar os concursos de beleza normativos, como Miss Universo e Miss Brasil, descrevendo-os, situando-os, bem como propor a análise desses eventos como dispositivos da cultura urbana e como espaços de construção de gênero. Diante do exposto e dentre as possibilidades, podemos abordar a naturalização do conceito de beleza mostrado nos concursos de miss e a lógica de construção de um tipo particular de beleza.

Palavras-Chave: Miss Brasil; Gênero; Padrões de Beleza; Cultura.

## **Resumen**

La intención de este artículo es presentar los concursos de belleza normativos, como Miss Universo y Miss Brasil, describiéndolos, situándolos y proponiendo el análisis de estos eventos como dispositivos de cultura urbana y como espacios de construcción de género. Teniendo en cuenta lo anterior y entre las posibilidades, podemos abordar la naturalización del concepto de belleza que se muestra en los concursos de miss y la lógica de construir un tipo particular de belleza.

Palabras clave: Miss Brasil; Género; Estándares de belleza; Cultura

## **Abstract**

The intention of this article is to present the normative beauty contests, such as Miss Universe and Miss Brazil, describing them, situating them, as well as proposing the analysis of these events as devices of urban culture and as spaces of gender construction. Given the above and among the possibilities, we can approach the

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado no II Congresso Internacional Online de Estudos sobre Culturas, na modalidade online, 2020.

<sup>2</sup> Mestre e Doutorando em Estudos de Cultura Contemporânea; PPG em Estudos de Cultura Contemporânea – (ECCO) - UFMT; Cuiabá, Mato Grosso, Brasil; [mlorensoni@hotmail.com](mailto:mlorensoni@hotmail.com)

<sup>3</sup> Doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP. Docente do Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade de Cuiabá – (UNIC). Docente Colaborador do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea na Universidade Federal de Mato Grosso – (UFMT) E-mail: [serafim.bertoloto@gmail.com](mailto:serafim.bertoloto@gmail.com). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4937833975814371>”.

<sup>4</sup> Mestre em Estudos de Cultura Contemporânea; PPG em Estudos de Cultura Contemporânea – (ECCO) - UFMT; Cuiabá, Mato Grosso, Brasil; [silvia.davies@srs.ufmt.edu.br](mailto:silvia.davies@srs.ufmt.edu.br)

naturalization of the concept of beauty shown in the miss contests and the logic of building a particular type of beauty.

Keywords: Miss Brasil; Gender; Beauty Standards; Culture.

## 1. Introdução

A importância e perpetuação dos concursos de beleza se devem ao fato de a beleza continuar sendo um forte valor da cultura ocidental, por ser vista como uma forma mais rápida de alcançar o sucesso, potencializado pelos veículos de comunicação, como a televisão e a internet, somado a promessas de benefícios como contratos, bolsas de estudos e ao glamour que embala os concursos em que a imagem é valorizada.

Ser admirado, reconhecido e popular parece mesmo uma grande obsessão de nosso tempo e, naturalmente, esse processo tem muita relação com a sociedade midiática em que vivemos, por exemplo, os reality shows, as carreiras artísticas, além de fenômenos como os digitais influencers, pelos quais as pessoas buscam se evidenciar.

Os concursos de beleza são eventos que buscam hierarquizar, ainda que de maneira subjetiva e parcial, a beleza de mulheres e homens que os disputam. Focados tradicionalmente na beleza física dos competidores, além disso, buscam incorporar uma avaliação de inteligência, personalidade e talento especial.

As mulheres que vencem são normalmente chamadas de "rainhas da beleza", o reinado da beleza é completado com o uso de coroas, cetros e mantos; esse rito, distante das referências semióticas de que são possíveis tais concursos, pode ser interpretado como uma tentativa de reviver as heranças das velhas monarquias europeias.

A beleza como tema permeia toda a estrutura contemporânea graças a sua apropriação sistemática por meio dos veículos de difusão, sua expressão fundamental ganha ainda mais evidência nos concursos regionais, estaduais, nacionais e internacionais de beleza que anualmente ocupam espaço na cultura contemporânea de forma recorrente. Os concursos de beleza, além de serem tradição mundial, são espaço de afirmação de gênero e produzem o significado próprio daquilo que é considerado belo a partir de parâmetros e avaliações estéticas que sobressaltam, empiricamente, a articulação de marcadores sociais da diferença.

Na atualidade, há milhares de concursos regionais, nacionais e internacionais, todos despertando maior ou menor interesse de público e mídia; são realizados concursos em todos os continentes e em todos os países do mundo existem etapas nacionais de concursos. O principal concurso, bem como o mais

tradicional, mais midiaticizado, portanto o de maior visibilidade é o Miss Universo e no Brasil a versão nacional do mesmo concurso – Miss Brasil versão Universo.

## 2. Requisitos

Ao longo da história do concurso, os requisitos e regras de participação foram se alterando e atualizando de modo a corresponder a características e contextos de cada época, entretanto, alguns requisitos permanecem e outros variam de país para país, porém sempre obedecendo às exigências do certame internacional, de acordo com o site [www.missuniverse.com](http://www.missuniverse.com) acesso em 14/08/2018.

Algumas dessas regras: que a candidata seja legalmente mulher, ou seja, ser mulher perante a lei, deixando, desde 2012, a possibilidade da participação de candidatas transexuais. Tal possibilidade só foi aceita no Brasil no ano de 2019. Para que uma candidata transexual participe, ela deverá ser legalmente mulher no seu país de origem. Em 2018, a Espanha se tornou o primeiro país da história a enviar uma candidata nessas condições e também foi o país que levou em 2013 a primeira participante assumidamente gay ao Miss Universo.

Outra exigência é que nunca tenha se casado; que nunca tenha tido filhos; que seja a miss eleita em seu país e caso não cumpra os requisitos é designada a segunda colocada; também são aceitas aclamações (designações) de candidatas em países que não realizam o concurso; que tenha a nacionalidade do país que esteja representando; que tenha entre 18 e 28 anos em 1º de fevereiro do ano em que esteja competindo. No Brasil a faixa etária de participação foi adequada para entre 19 e 26 anos. Que tenha a real disposição de ser Miss Universo e assumir as atribuições do título. (MISS UNIVERSE, 2018)

Existem outras regras e exceções a estas que são adaptadas dependendo da situação específica de cada país. Ao contrário do que se popularmente diz, as seguintes situações não quebram o regulamento do concurso:

– O Miss Universo não proíbe cirurgias e nem procedimentos estéticos; não pede estatura mínima, entretanto o Miss Brasil exigia até 2018 que as candidatas tivessem altura mínima de 1.68 m e atualmente (2020) a altura mínima exigida é de 1.60 m. Não pede um peso mínimo, nem um peso máximo para as suas concorrentes;

– O Miss Universo não proíbe participantes que tenham posado nuas e nem de roupas íntimas, entretanto, o Miss Brasil não aceita candidatas que tenham posado nuas ou em fotos sensuais que mostram partes íntimas do corpo; o Miss Universo não promove estereótipos raciais e nem étnicos para a representação de cada país.

### 3. Padrão Miss

As medidas 90 cm de busto, 60 cm de cintura e 90 cm de quadril parecem desafiar as candidatas como meta obrigatória do universo miss requisito este que, se mantém desde o princípio na década de 1950. Em 68 anos de Miss Universo e Miss Brasil, muitas foram as alterações dos padrões de beleza, percebendo-se que existiu aproximações entre as candidatas vencedoras, o que nos leva a compreender um padrão do perfil que esses concursos buscam.

Em 68 edições, o Miss Brasil elegeu apenas três candidatas negras: Deise Nunes (RS) em 1986, Raíssa Santana (PR) 2016 e Monalysa Alcântara (PI) 2017. Vale lembrar que o Brasil é um país com forte influência afrodescendente e a maior parte da população (mais de 53% segundo o IBGE-2018) se autodeclara preta ou parda (terminologias oficiais da pesquisa do IBGE), ou cerca de 113,93 milhões de pessoas. O Miss Universo reproduz a mesma lógica, somando apenas cinco misses negras: Janelle Penny Comissong (Trinidad e Tobago) em 1977 que se tornou a primeira negra a ganhar a coroa de Miss Universo, quebrando paradigmas uma década após o estouro dos conflitos raciais que levaram aos assassinatos de Malcolm X (1965) e Martin Luther King Jr. (1968), aquele do “eu tenho um sonho”; em 1995 a representante dos EUA, Chelsi Smith, foi a segunda mulher negra a repetir o feito; Wendy Fitzwilliam, outra trinitário-tobagense, venceu em 1998; Mpule Kwelahobe, de Botsuana, levou o título em 1999; já em 2011, no concurso realizado no Brasil, a angolana Leila Lopes arrebatou a coroa. Durante esta pesquisa aconteceu algo inédito: na 68ª edição do certame, no ano de 2019, em Atlanta (EUA), uma miss negra e de cabelos raspados foi ovacionada Miss Universo: a sul-africana Zozibini Tunzi, em um evento que quebrou padrões e valorizou mais o discurso da candidata e sua mensagem do que suas curvas e porte físico. (DE FAIXA A COROA – FOLHA DE SÃO PAULO, 2019)

Dado interessante é que nenhuma candidata negra venceu o Miss Universo na Ásia, continente que mais recebeu o certame, já tendo sediado o Miss Universo 12 vezes. Wendy levou sua coroa na Oceania; Mpule e Janelle, na América Central; Leila, na América do Sul; e Chelsi, na África dos ancestrais de todas elas.

Além de características físicas, outros requisitos completam este perfil, como a habilidade de falar em público, o porte e a elegância da candidata e até mesmo a sua origem (estado que representa).

O Rio Grande do Sul já venceu 13 vezes o Miss Brasil, seguido de Minas Gerais com 9 vezes e de São Paulo e Rio de Janeiro com 8 vezes. Ao analisarmos por regiões, o Sudeste ostenta 25 vitórias, a região Sul, 22, enquanto o Nordeste conta com 9, o Centro-Oeste 5 e o Norte, apenas 4. Tais números podem estar atrelados ao imaginário do desenvolvimento dessas regiões, em destaque da beleza

tipicamente europeia e possivelmente pela tradição de outros tipos de concursos de beleza naquela região.

#### **4. Um espaço de construção de gênero**

Uma mulher jovem, bela, de corpo proporcional (sem polegadas a mais ou a menos), com um aparente cuidado com o corpo, elegante, preferencialmente alta, de aparência e atitude impecável, discreta, simples, doce, espontânea, de uma oratória perfeita, sexualmente passiva, dinâmica, educada, culta, que seja fluente em línguas estrangeiras, simpática etc... este é o perfil de uma miss. Um exemplo claro de “dominação masculina” que obriga homens a serem fortes, potentes e viris, enquanto as mulheres devem ser delicadas, submissas e apagadas.

Delas se espera que sejam “femininas”, ou seja, sorridentes, simpáticas, atenciosas, submissas, discretas, contidas ou até mesmo apagadas. Neste caso, ser magra contribui para esta concepção de “ser mulher”. Sob o olhar dos outros, as mulheres se veem obrigadas a experimentar constantemente a distância entre o corpo real, a que estão presas, e o corpo ideal, o qual procuram infatigavelmente alcançar (BOURDIEU, 1999, p. 121).

Além de características físicas, subjetivamente nos atos e na performance como um todo podemos perceber a intenção de colocar o sujeito “miss” como um exemplo para a humanidade, um símbolo para mulheres do mundo inteiro que espalha a paz e dá bons exemplos.

Essas mensagens são recorrentes em seu discurso, qualquer pessoa que tenha assistido a um concurso de miss, sem sombra de dúvida percebeu o espírito “paz mundial” pairando sob o ar.

As candidatas reconhecem que são um exemplo e que ocupam um espaço de visibilidade e obrigatoriamente. Tal visibilidade deve ser usufruída a fim de divulgar boas ações, com os olhares da mídia e a subjetividade, há uma relação da mulher como símbolo de paz. No discurso nativo do concurso de miss, a essência de ser uma mulher é dar amor aos seres humanos; mostrar ao homem o que é amor; sobretudo é ser mãe.

Para transmitir certos valores do discurso dominante (conservador, puritano e centrado no capital), o Miss Universo disfarça-os colocando em nível de aparência de valores ditos modernos. Dissemos também que a via maior para a constituição do senso comum do Miss Universo foi uma série de naturalizações acerca da mulher e seu papel na sociedade. Mediante a mais simples avaliação, o que se nota é que tal situação coloca o Miss Universo exatamente nos termos para ele reservados pelo discurso de luta feminista, ou seja, o Miss Universo reforçaria os padrões que interessam às classes dominantes (leia-se aí “instituições centrais da sociedade” – capitalistas e predominantemente masculinas) (BATISTA, 2013, p. 147).

Tendo em vista a questão midiática, o concurso tem desempenhado ao longo dos anos um papel estruturador de identidades em questões como: a beleza pode ser aferida de alguma forma?; o que é ser bela?; qual o papel da mulher na sociedade?

As imagens de glamour e mundanismo se contrapõem à ideia de puritanismo, as ideias feministas e modernas vêm junto com o antifeminismo e conservadorismo, atrás de diversidade vêm as características de um perfil desejado, tudo isso embalado em uma visão de mundo ingênua e utópica na qual o sonho é possível.

Ao analisar os requisitos de participação, percebemos questões relacionadas à faixa etária, o que significa a valorização da juventude, somada ao estado civil (solteira) e ao fato de não ter filhos. E isso nos dá a ideia de que uma miss deve ser uma mulher disponível na totalidade das interpretações possíveis, do mesmo modo em se que atrela a ideia de beleza somente às mulheres que apresentam tais características. Seguindo esta lógica, o corpo humano que se classifica “mulher” é cultural e historicamente saturado de sexualidade, o que reproduz um pensamento machista estruturado em nossa sociedade, desde o controle reprodutivo, permeado pela “obrigação social” de reprodução da espécie, à patologização da mesma e o controle sobre ela.

#### **1.4 A mulher brasileira**

Pode-se dizer da mulher que tende a ser, quanto a modas para seus vestidos, seus sapatos, seus penteados, um tanto maria-vai-com-as-outras. Portanto, a corresponder ao que a moda tem de uniformizante. Mas é da argúcia feminina a iniciativa de reagir contra essa uniformização absoluta, de acordo com características pessoais que não se ajustem a imposições de uma moda disto ou daquilo. Neste particular, é preciso reconhecer-se, na brasileira morena, o direito de repudiar modas norte-europeias destinadas a mulheres louras e alvas (FREYRE p. 33, 1987).

Na década de 1980, o antropólogo Gilberto Freyre pensou o corpo da mulher de forma pioneira, especialmente da mulher brasileira e suas transformações. O resultado foi seu livro *Modos de homem, modas de mulher*, de 1987.

Para Freyre, o corpo da mulher brasileira é miscigenado, equilibrado de contrastes, enaltecendo a ideia de uma “consciência brasileira” ao sugerir que as mulheres aqui nascidas deveriam seguir um padrão tropical de modas, ao invés de copiar as europeias ou norte-americanas. A intenção do autor era de alguma forma destacar e diferenciar uma dada “beleza brasileira” que necessariamente seria diferente das demais.

O modelo de beleza seria a atriz Sônia Braga: pele morena, cabelos negros, longos e crespos, cintura fina, quadril avantajado, peitos pequenos e estatura mediana. Ao traçar um modelo, o estudioso desvalidava modelos outros como o perfil de outra tão famosa quanto Sônia, a atriz e Miss Brasil Vera Fischer que, diferente da primeira, era alta, loira, com cabelos lisos e corpo menos arredondado. Em

1987, Freyre detectou o perfil Fischer como um modelo estrangeiro de beleza e destacou em entrevista à revista *Veja* (07/06/2000): “as brasileiras não ficam velhas, ficam loiras”. A frase, que soa como crítica, é reforçada por outras celebridades de perfil caucasiano como Xuxa, e posteriormente Giselle Bündchen, ícones “norte-europeizantes”, conforme citado por Mirian Goldenberg em *O corpo capital* (2006).

É impossível desassociar a ideia de beleza da ideia de consumo, manter-se jovem está relacionado a se cuidar, e cuidar de si quer dizer desfrutar das possibilidades do mercado estético e cosmético. Na maioria, das vezes, entretanto, seguindo padrões internacionais que trazem tais referências na roupa, no sapato, no adorno, no penteado, no perfume, no andar, no sorrir, no beijar, no comportamento, no modo de ser mulher. Em resumo, no corpo.

Freyre sugeria que as modas e os modismos não diziam respeito apenas às roupas ou penteados, mas também poderiam se tornar modas de pensar, de sentir, de crer, de imaginar, e assim, subjetivas, influírem sobre as demais modas. Ele apontava os excessos cometidos pelas mulheres mais inclinadas a seguir as modas, especialmente “as menos jovens, para as quais modas sempre novas surgiriam como suas aliadas contra o envelhecimento” (FREYRE, 1987, p. 25).

A preocupação central da mulher brasileira seria permanecer jovem segundo Freyre. Nestas últimas décadas, tal preocupação cresceu enormemente, com novos modelos de mulher a serem imitados: cada vez mais jovens, belas e magras (GOLDENBERG, 2006).

Mirian Goldenberg, cita um exemplo do que diz Gilberto Freyre. A antropóloga, em seu texto “O corpo como capital – para compreender a cultura brasileira”, ilustra o ideal de beleza brasileira com a polêmica causada pelo concurso Miss Brasil 2005. Com o título “Procura-se a mulher brasileira no Miss Brasil”, o jornalista Jamari França (Globo Online, 15/04/2005), afirmou:

Parecia um concurso de miss de país europeu. As misses foram apresentadas de biquíni por região do país... Apresentadas uma a uma, as misses eram todas de uma pele alva de quem nunca se deixou queimar nas praias de água doce do Rio Amazonas... Até a Miss Bahia tem a pele branca de ascendência europeia... Quando chegou mais embaixo, nas regiões Sudeste e Sul, já não causava estranheza a presença de louras e morenas de olhos azuis ou verdes, já que é um biotipo mais comum nestas paragens. Não se trata de ficar com um preconceito racial às avessas contra as brancas, mas a realidade incontestável é que o concurso não reflete a diversidade de tipos da mulher brasileira. Muitas vezes quando uma miss entrava na passarela, a gente tinha impressão de que ela já tinha desfilado, tal a semelhança de tipos físicos. As nossas misturas, que resultam em mulatas de olhos verdes, beldades com traços indígenas e negras que assumem a raça com orgulho, botam muitas daquelas misses no chinelo. A impressão que se tem é que o concurso é aberto apenas à elite de cada estado, clubinhos fechados, sem que se procure nas ruas mulheres que representem a nossa diversidade. A mulher brasileira é das mais belas do mundo, com uma riqueza que ousa dizer ufanisticamente que nenhum outro país tem. Pena que nem todas elas subam à passarela do concurso. Falta Brasil no Miss Brasil.

Das misses se espera um modelo exímio, uma mulher que atenda a todos os requisitos já citados e reproduza os padrões de beleza impostos e que ainda assim represente sua nação. Ao analisar o texto de Jamari França, podemos levantar diversos questionamentos, somados à perspectiva de Freyre, o padrão da típica “beleza brasileira” parece ser idealizado e até mesmo utópico, desse modo, não ressoa e não se aplica na atualidade. É de conhecimento de todos que o Brasil é um dos países mais miscigenados do planeta, um país que recebeu imigrantes advindos dos quatro cantos, logo, a ideia de uma beleza típica não pode legitimar um único perfil. Qual a cor do Brasil? Qual a altura da brasileira? Toda brasileira tem curvas? A negra baiana é mais brasileira que a caucasiana do Sul? O país deve ser pensado como plural e a diversidade representa a sua totalidade.

Alguns requisitos não conseguem fugir de padrões, o corpo é um exemplo claro de um padrão que se espera, indiferentemente da origem e cultura, há um padrão totalizante do que se avalia como um belo corpo.

O corpo é, nesse sentido, mais importante que a origem ou roupa, o corpo é moldado com o propósito de atender ao padrão, é trabalhado, cuidado, sem marcas indesejáveis (rugas, estrias, celulites, manchas) e sem excessos (gordura, flacidez), é o único que, mesmo sem roupa, está decentemente vestido. Está além da roupa, ele é a verdadeira roupa: é o corpo que deve ser exibido, moldado, manipulado, trabalhado, costurado, enfeitado, escolhido, construído, produzido, imitado. É o corpo que entra e sai da moda. A roupa, neste caso, é apenas um acessório para a valorização e exposição deste corpo da moda (GOLDENBERG e RAMOS, 2002).

O corpo, de certa forma, é o reflexo da nossa sociedade, cada vez mais distante da perspectiva de Freyre, não parece fazer sentido traçar um perfil por nacionalidade ou origem em um momento de padronização, quando tudo pode ser alterado, construído ou, utilizando um termo próprio, corrigido. Há um modelo de corpo que tem prestígio, um dispositivo social de poder que conseqüentemente é imitado por mulheres e também por homens. Tais padrões se apresentam como naturais e até mesmo universais, o que demonstra o corpo humano como: “... sistema biológico [que] é afetado pela religião, pela ocupação, pelo grupo familiar, pela classe e outros intervenientes sociais e culturais” (GOLDENBERG, 2006, p. 12).

O conjunto de costumes, anseios, hábitos, tradições, crenças e comportamentos que constroem uma cultura também constrói o corpo. Podemos compreender este processo como a construção cultural do corpo, conforme sugere Marcel Mauss (1974), que completa: “é através da ‘imitação prestigiosa’ que os indivíduos de cada cultura constroem seus corpos e comportamentos”.

Tal construção cultural valoriza atributos e padrões em detrimento de outros, a ideia de um corpo bonito é construída de forma histórico-cultural, fazendo com que haja um corpo típico em cada sociedade, assumindo assim um papel essencial do estilo de vida, e a aparência se torna motivo de

investimento e preocupação pessoal. As exigências de um padrão de beleza tão rígido e que não leva em conta os atributos individuais do sujeito, podem gerar severas patologias:

Por problemas psicológicos, mas também pressionadas pela sociedade, as adolescentes passam dos frequentes regimes alimentares a uma rejeição incontrolável pela comida e a fazer exercícios físicos de forma exagerada, tentando compensar a baixa autoestima. Mas a anorexia parece ter evoluído da condição de patologia para a categoria de “estilo de vida”. Inúmeras páginas pessoais na internet divulgam movimentos “pró-anorexia” e “pró-bulimia”. São as “amigas da Ana” e “amigas da Mia”, dando dicas para aquelas que desejam aderir a um estilo de vida que tem a magreza como modelo a ser seguido (EDMONDS, 2002, p. 75).

A crescente valorização da estética passou a ser relevante e grandes mudanças neste sentido ocorreram no final do século XX, mudanças nos valores sociais, o corpo passou a ser relevante e afetou o comportamento dos indivíduos em relação à beleza, com isso, à intensificação da insatisfação. E isso, em muitos casos, leva a doenças emocionais e psicológicas como a depressão, por um lado, e, por outro, à espetacularização, mercantilização e tecnologização dos corpos (SOLOMON, ASHMORE & LONGO, 1992). Contraditoriamente, vivemos um dos momentos de maior independência e liberdade femininas, e é também aquele em que um alto grau de controle em relação ao corpo e à aparência se impõe à mulher brasileira.

Só 1% das mulheres brasileiras se acha bonita. O Brasil é o país em que mais se valoriza as modelos; 54% das brasileiras já consideraram a possibilidade de fazer plástica e 7% já fizeram, o índice mais alto entre os países pesquisados. Mas o que torna o Brasil especial nessa área é o ímpeto com que as pessoas decidem operar-se e a rapidez com que a decisão é tomada. São três as principais motivações para fazer uma plástica: atenuar os efeitos do envelhecimento; corrigir defeitos físicos e esculpir um corpo perfeito. No Brasil, esta última motivação é a que mais cresce: a busca de um corpo perfeito (EDMONDS, 2002, p. 74).

## Conclusões

A constante preocupação com a altura, curvas, formas, potência e poder que o corpo propicia pode ser entendida como um exemplo de dominação.

No Brasil, o desenvolvimento do individualismo e a intensificação das pressões sociais das normas do corpo caminham juntas. Tal estrutura impõe suas pressões aos dois termos da relação de dominação, portanto aos próprios dominantes, que são “dominados por sua dominação”, fazendo um “esforço desesperado” para permanecerem no padrão.

Mais do que a forma de um corpo, diante de dado contexto é possível afirmar que o padrão recorrente sugere o ideal do que é ser mulher, uma problemática do próprio gênero, representações motivadas pela mídia e pelo mercado sob uma ótica predominantemente machista, as imagens de mulheres que reforçam o padrão estético são naturalizadas pela mídia e consumidas como verdades absolutas do belo.

O corpo neste contexto é o próprio ato, o corpo que performatiza é o próprio instrumento que comunica. Seguindo a lógica e as referências do concurso normativo, os concursos com temática gay tendem a reproduzir os mesmos padrões, utilizando-se das mesmas ferramentas para a construção desses corpos performáticos que pretendem o feminino.

### Referências

BATISTA, Ana Maria Fonseca de O. Miss Universo: um olhar antropológico. Florianópolis: Insular, 2013.

BOURDIEU, P. & CHARTIER, R. A leitura: uma prática cultural (debate entre Pierre Bourdieu e Roger Chartier). Tradução de Cristiane Nascimento Em: CHARTIER, R. (Orgs.) Práticas da leitura. SP: Estação Liberdade, 2001, p. 231- 253.

BOURDIEU, Pierre. A Dominação Masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DE FAIXA A COROA. Disponível em: <https://f5.folha.uol.com.br/colunistas/de-faixa-a-coroa> Acesso em: 11 de Fev. 2019

DESCARTES, R. Discurso do método. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

EDMONDS, A. (2002). No universo da beleza: notas de campo sobre cirurgia plástica no Rio de Janeiro. Em Nu & vestido (pp. 189-261). Rio de Janeiro: Record.

FREYRE, Gilberto (1987). Modos de homem, modas de mulher. Rio de Janeiro: Record. \_\_\_\_\_ . (2000). Entrevista dada a Veja, [www.veja.com.br](http://www.veja.com.br) em 07/06/2000

GAETA, G. Promoções & Eventos. CONCURSO MISS BRASIL 99. Abril de 1999.

GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1989

GOLDENBERG. (1995). Toda mulher é meio Leila Diniz. Rio de Janeiro: Record. Entrevista realizada em 20 de Novembro de 1969 para O Pasquim, nº 22, Rio de Janeiro.

\_\_\_\_\_. (2002). Nu & vestido. Rio de Janeiro: Record.

\_\_\_\_\_. (2004). De perto ninguém é normal. Rio de Janeiro: Record.

JORNAL O REBATE. Disponível em: <https://jornalrebate.com.br/pesquisa-google?cx=partnerpub9848388493658196%3A4383732467&cof=FORID%3A10&ie=UTF8&q=Miss+&sa=ir%21> Acesso em: 03 de Jun 2017

LOURO, Guacira Lopes. Teoria queer – uma política pós-identitária para a educação". Revista Estudos Feministas, vol. 9, nº 2. Florianópolis 2001.

MAUSS, Marcel. As Técnicas Corporais. Sociologia e Antropologia. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974.

MISS BRAZIL ON BOARD - <http://www.voy.com/185349/> Acesso em 12, Ago. 2017

MISS UNIVERSE. Disponível em :<http://www.missuniverse.com/Apply-About-Competition-DetailsHosts&Performers-Competitions-Sponsors>. Acesso em: 8 de Ago. 2018

SOLOMON. R., ASHMORE, R.D & LONGO, L.C., "The beauty Match-up Hypothesis: Congruence Between Types of Beauty and Product Images in Advertising," Journal of Advertising, 1992

SUPERINTERESSANTE. Disponível em: <https://super.abril.com.br/cultura/o-mundo-secreto-dos-concursos-de-beleza/> Acesso em 04, Mar. 2017